

A RESPOSTA ESTÁ EM SUAS MÃOS

Palavras do Ir. Emili Turú, SG no encerramento do XXI Capítulo Geral

Bom-dia, Irmãos. No fim deste Capítulo, mais do que um discurso, quisera, simplesmente, oferecer-lhes algumas reflexões e aprendizagens de alguém que participou, como membro, deste XXI Capítulo geral. Vou ater-me a quatro aspectos.

1. O FRIO ALTERA A TRAJETÓRIA DOS PEIXES

Esta frase se inspira num romance que li, umas semanas antes do início do Capítulo geral, e que traz esse título. O autor é Pierre Szalowski, de Quebec. É uma obra bonita, cheia de ternura e de otimismo. Basicamente, o romance observa a realidade com os olhos de uma criança, e narra como as circunstâncias de uma geada terrível - algo que deve acontecer com frequência, em Quebec - provocam toda uma série de acontecimentos que mudam radicalmente o relacionamento entre muitas pessoas de um mesmo bairro.

Esta leitura me fez ver um paralelismo com o que vivemos, nesta sala capitular. Não teria algo em comum com o que temos vivido entre nós? Escutei muitas vezes que a configuração da sala - as mesas redondas, o sistema, o método ... levou-nos a estabelecer um tipo de relações e dinâmicas muito diferentes de outros Capítulos gerais. No fim do Capítulo, parece-me muito bonito constatar que conseguimos aceitar uma dinâmica que não conhecíamos e que não sabíamos muito bem como terminaria. Decidimos optar pela audácia e caminhar para frente, confiantes. E agora que terminamos, creio, sem dúvida, que muitos de nós reconhecemos que a metodologia do diálogo fraterno, pela qual optamos, corresponde muito bem à nossa experiência e vivência de Irmãos.

Faz alguns dias, uma jornalista veio entrevistar-me. Chamou-me a atenção um de seus comentários. Dizia-me: *“Segui o Capítulo pela página web; tenho lido as crônicas e impressionou-me muito o tipo de metodologia, inclusive a configuração que há na sala”*. E perguntava-me: *“Crê que esse tal diálogo fraterno poderia ser adotado também em outros níveis eclesiais?”* A verdade é que, em seguida, quando falamos de tu para tu, ela comentou: *“Vou fazer esta pergunta em termos mais suaves, porque, nestes dias, celebra-se o Sínodo e não quisera que se fizessem comparações”*. De fato, já as fazia.

Parece-me que, às vezes, inclusive sem dar-nos conta, simplesmente por nosso modo de fazer, por nossas opções, por nossa maneira de relacionar-nos, mostramos o rosto mariano da Igreja que realmente queremos. Num contexto eclesial, alguém pronunciou estas palavras: *“Hoje, a Igreja se converteu, para muitos, no principal obstáculo para a fé; nela apenas se vê a luta pelo poder humano, o mesquinho teatro de quem, com suas observações, deseja absolutizar o cristianismo oficial e paralisar o verdadeiro espírito do cristianismo”*. Isso foi escrito, nos anos 70, por um teólogo chamado Ratzinger.

Hoje, a Igreja se converteu, para muitos, no principal obstáculo para a fé. O sonho da Igreja que partilhamos é a do Vaticano II; expressou-o muito bem João XXIII com uma linda imagem, quando dizia: *“a comunidade cristã deve ser como a fonte, no meio da praça”*. No contexto mediterrâneo, a fonte no meio da praça é o lugar onde todos se

reúnem. Não apenas para beber; é um lugar de encontro, de partilha, de sentar-se, de estar à vontade: adultos, crianças, idosos... É uma imagem do rosto mariano da Igreja.

Que lição levamos para a casa dessa experiência capítular? Temos alguma tarefa de casa? Eu diria que sim.

a) A CRIATIVIDADE

Em primeiro lugar, a criatividade. Parece-me que a experiência que fizemos é um convite a romper com a inércia e a usar o que é mais adequado para nossos valores. Alguém comentava, no início do Capítulo que, mais de uma vez, havia pensado que, nos Capítulos provinciais, alguma coisa não funcionava, devido à metodologia; mas, nunca pensara que se poderia fazer de outro modo. Precisamos de criatividade.

b) A PACIÊNCIA

Em segundo lugar, paciência: estamos aprendendo. Acredito que todos estamos contentes com a experiência da metodologia adotada no Capítulo, mas, ao mesmo tempo, reconhecemos que podemos melhorar. Penso que será preciso avaliar cuidadosamente o desenrolar do Capítulo e repassar essa avaliação a quem preparar o Capítulo geral vindouro; embora tenha certeza de que não precisaremos esperar tanto. Imagino que, em breve, por todos os quadrantes do Instituto, começaremos a ver salas com mesas redondas...

c) O DIÁLOGO

Em terceiro lugar, algo que aprendemos - eu, ao menos - é o diálogo, diálogo, diálogo... Lembro que, faz uns poucos anos, houve um acontecimento internacional, em que os jovens de todo mundo se comunicavam por Internet e dialogavam com alguma pessoa mundialmente famosa. Quando coube a Stephen Hawking, fez uma avaliação um tanto pessimista sobre o futuro da humanidade. Durante a conversa por chat, um jovem lhe perguntou: *“Então, qual é o futuro?”* A resposta do cientista foi: *“Keep talking”* (Continue conversando) ... Isso era o que os jovens já faziam.

Acredito que isso é um convite a construir sobre nossas diferenças, sem iludi-las, porque somos realmente diversos. Recordem aquelas perguntas que nos fazíamos, no início: Em que está certo aquele que pensa diferentemente de mim? Que parte de verdade tem quem pensa de modo diferente do meu? Portanto, o diálogo é um convite a aprender a resolver os conflitos - que sempre existirão, pois, em todo grupo humano, sempre há conflitos - a partir do diálogo sincero e fraterno e não, da evasão. Lembrem que no Relatório do Conselho anterior, em dado momento reconhecíamos que, mais de uma vez, ante o conflito, tínhamos optado por evitá-lo, em vez de enfrentá-lo com um diálogo sincero. Portanto, aprendizagem do diálogo.

d) OS RECURSOS ESTÃO NO GRUPO

Não esqueçamos, também, que os recursos estão no grupo; é preciso crer nisso. No começo do Capítulo tínhamos nossas dúvidas se isso ia funcionar... Todas as possibilidades estavam aqui. Acontece que não tínhamos tido a oportunidade de abrir a porta e colocá-las em funcionamento. É um convite a encontrar o que de melhor cada pessoa e cada grupo têm em seu interior.

e) A INTERNACIONALIDADE

E, por fim, a aprendizagem da internacionalidade. Creio que vivemos, como nunca, esse fator da internacionalidade de modo aberto e profundo. Penso que seja o sinal profético

de que outra globalização é possível. Levamos também essa tarefa da internacionalidade para casa. A pergunta é se estou disposto a pagar o preço para que nosso Instituto seja cada dia mais global, mais solidário internamente, com maior interação entre todos.

Este é o primeiro aspecto com as cinco lições que levo como tarefa.

2. VER O MUNDO COM OS OLHOS DE UMA CRIANÇA POBRE

Retomo o ponto com que começou o Ir. Seán, no início deste Capítulo. Parece-me que foi muito inspirador. Foi uma grande motivação para nosso Capítulo, e repetimo-lo, mais de uma vez: “ver o mundo a partir de baixo”.

Lembro algo que aconteceu, faz mais de vinte anos. Houve uma iniciativa, em Madrid, em que se convidava as pessoas para que, por um dia, vivessem como mendigos, como pobres que pedem esmola. Vários Irmãos escolásticos fizeram a experiência de sentar-se num corredor de metrô e mendigar. Foi interessante analisar as reações das pessoas, umas se aproximavam, outras diziam uma palavra... Por um dia, puderam ver o mundo a partir de baixo.

No Relatório do Conselho geral, lembrar-se-ão de que falávamos das vítimas da globalização e como as crianças são suas primeiras vítimas. E o Papa atual, em sua homilia da noite de Natal, fazia menção a essas crianças às quais se nega o amor de seus pais; falava das crianças de rua, das crianças soldados, das crianças vítimas da indústria pornográfica ou de outras formas abomináveis de abuso. E dizia, literalmente: “*O Menino de Belém nos convida a fazer todo o possível para que termine o sofrimento dessas crianças, a fazer todo o possível para que a luz de Belém chegue ao coração dos homens*”.

Que aprendizagens, que tarefas podemos levar para casa?

- a) Ouvir esse convite do Papa a **fazer todo o possível**. Fazer todo o possível para continuar a avançar no caminho de colocar o Instituto, prioritária e visivelmente, a serviço das crianças e dos jovens pobres, qualquer que seja o rosto dessa pobreza. Em nossas obras atuais, em obras novas... fazer todo o possível. E quando olhamos o mundo, através dos olhos das crianças pobres, reconhecemos também o eco dessa pergunta que encontrei no famoso livro - “Quem mexeu no meu queijo?” - um livro para homens de negócios, muito famoso em seu tempo: *O que farias, se não tivesses medo?* Essa é, provavelmente, uma boa porta para fazer todo o possível.
- b) **Especialistas em evangelização e na defesa dos direitos da criança e do jovem**. Parece-me que há dois aspectos muito vinculados a essas opções de futuro. O Ir. Seán, em sua Circular sobre a vida apostólica, dizia: oxalá, pudéssemos ser reconhecidos, no futuro, como peritos em evangelização das crianças e dos jovens! Através da Pastoral juvenil marista, mas também em todos os nossos centros, seja do tipo que forem: ser peritos em evangelização. E acrescentaria ainda: ser especialistas na defesa dos direitos das crianças e dos jovens. Tomara que dentro de oito anos, quando olharmos para trás, possamos dizer que o Instituto deu passos muito significativos nessa direção.

Encoraja-nos, para isso, Janus Kostka, um célebre psiquiatra infantil polonês, escritor, pedagogo, defensor da causa das crianças, que morreu em Treblinka, num campo de extermínio, para onde tinha sido deportado com as crianças de seu orfanato, as quais recusara de abandonar. Ele escreveu: *“Vocês dizem que ocupar-se das crianças é cansativo; e têm razão. E acrescentam que isso cansa porque precisamos de colocar-nos em seu nível: devemos rebaixar-nos, inclinar-nos, curvar-nos, diminuir-nos... Mas, há algo em que vocês se enganam: O que mais cansa não é isso, mas sermos obrigados a elevar-nos até a altura de seus sentimentos, levantar-nos, esticar-nos, pôr-nos sobre a ponta dos pés, aproximar-nos delas sem, no entanto, machucá-las”*.

3. COMO MARIA DA VISITAÇÃO

A vivência de Maria da Visitação também foi um ponto relevante em nosso Capítulo. Poderíamos sublinhar vários aspectos dessa imagem, mas não vou deter-me na figura de Maria, em si. Destaco, então, particularmente o fato de que Ela leva Jesus consigo. Parece-me que também foi um tema importante: Maria está grávida, leva a Jesus em seu seio. Estabelece-se entre ambos uma relação pessoal, íntima; essa relação que somente uma mãe pode ter com o filho que leva em suas entranhas. É uma relação de silêncio, de escuta, de assombro ante o Mistério. É, talvez, a dimensão mística de nossa vida.

Durante o Capítulo, falamos do profetismo como um eixo de nossa vida; creio que o outro eixo deveria ser a mística. Dizia um Abade-geral dos Cistercienses: *“Com a couraça da santa regra, o elmo da santa obediência e a espada da santa tradição, apenas consigo defender-me... de Jesus!”* Além, portanto, de um cumprimento externo de práticas superficiais, está o encontro pessoal com Jesus.

No XIX Capítulo geral tive a sorte de estar num grupo de diálogo no qual se encontrava o Ir. Basílio Rueda. Recordo que, em mais de uma ocasião, quando falávamos de espiritualidade apostólica marista, ele dizia: *“É verdade, é verdade: apostólica... marista... mas espiritualidade, espiritualidade!”* Algumas pessoas, ao dizerem que nossa espiritualidade não é monástica, parece que o entendem como sendo algo mais fácil, mais “light”. A mim parece que dizer que nossa espiritualidade é apostólica significa que ela é mais exigente. Como conservar a centralidade de minha vida, no meio de muita atividade e com muitas relações? Parece-me que, como Champagnat, como Maria, somos convidados a ser “contemplativos na ação”.

No Relatório do Conselho, nos perguntávamos: “Por que viver em profundidade essa dimensão mística de nossa vida nos custa tanto? Thomas Merton escreveu em seu único romance: *“Se queres saber quem sou, não me perguntes onde vivo, o que gosto de comer, ou como me penteio... Pergunta-me, antes, por que vivo e pergunta-me se penso em aplicar-me a viver plenamente aquilo que é a razão do meu viver. A partir dessas duas repostas, podes determinar a identidade de uma pessoa”*. Quer dizer, perguntas-me o que quero em minha vida. E, depois, me perguntas se estou disposto a pagar o preço para fazer isso. Relacionando as respostas a essas duas perguntas terás o valor dessa pessoa.

Tarefas que levo para casa

Parece-me, pois, que a única aprendizagem ou tarefa que levo para casa é que **há um preço a pagar**; e não há como baixá-lo, 0% de desconto. Crescer num caminho místico, num caminho de identificação com Cristo, não é automático; é um caminho e é preciso percorrê-lo: passo a passo, etapa por etapa. É preciso pagar um preço. Neste caso, parece-me, o preço é calculado na moeda “tempo”. Penso que, se valorarmos o lugar que ocupa a minha oração pessoal, o tempo que dedico ao cultivo de minha interioridade, poderemos avaliar a importância que damos à espiritualidade, em nossa vida.

4. TODOS SOMOS UM

A imagem com que começamos o Capítulo era linda: um coração, sinal de vida, com nossos desejos, nossos sonhos... e unindo-os entre si, o nome da cada um de nós, o nome da cada pessoa do Capítulo.

“Somos parte de um corpo vivo. Isso significa que somos membros dependentes uns dos outros. “Com efeito, o corpo é um e, não obstante, tem muitos membros, mas todos os membros do corpo, apesar de serem muitos, formam um só corpo. Assim também acontece com Cristo.... O corpo não se compõe de um só membro, mas de muitos....Vós sois o corpo de Cristo e sois os seus membros, cada um por sua parte” (1 Cor, 12.14.27).

Somos interdependentes. Cito mais uma vez Merton, e neste caso, sua autobiografia intitulada “A montanha dos sete patamares”: *“Considerando que nenhum homem jamais pode nem pôde viver por si e somente para si; os destinos de milhares de outros seres são afetados, uns de modo remoto, mas outros muito diretamente e de perto, por minhas próprias opções e decisões. Do mesmo modo minha própria vida se vê reformada e modificada pela vida deles”*. Em outras palavras, o que acontece num membro afeta todo o corpo. As decisões que cada um de nós toma terão consequências, para o bem ou para o mal, em muitas outras pessoas.

Faz uns dias, Bento XVI, em sua visita à República Tcheca, afirmava algo que me pareceu muito importante: *“Normalmente, as minorias criativas determinam o futuro”*. Falava aos católicos da República Tcheca, onde são minoria. Normalmente, as minorias criativas determinam o futuro.

Tarefas que levo para casa

Alguém disse, nesta sala, que “mudar o coração é mais do que mudar as Constituições; e necessitaríamos de saber como mudar os corações”. Suponho que, de uma maneira ou outra, já dissemos como se faz para mudar os corações. Quando dizíamos que a melhor mensagem do Capítulo somos nós mesmos, estávamos afirmando que não se trata de mudar os outros, mas de começar por nós mesmos.

Recordava o Papa: as minorias criativas determinam o futuro. Estamos convencidos de que o que acontece comigo, com minha vida, com as decisões que tomo, influenciará o meu ambiente, a minha comunidade, a minha Província, o Instituto e a Igreja. Somos parte de um corpo e o que acontece num membro afeta a todo o corpo.

Irmãos, podemos começar a mudança por nós mesmos? Podemos, hoje, anunciar ao Instituto não apenas decisões referentes a estruturas, a paredes ou a organizações, mas sobretudo decisões que afetam a nós, pessoalmente? Podemos dizer que há um grupo de 84 Irmãos - ou mais - que decidiram levar a sério o chamado de Deus, recebido no Capítulo? Uma vez mais, o que decidirmos fazer com a nossa própria vida terá consequências na vida do Instituto.

CONCLUSÃO

E termino. Comecei dizendo que o frio altera a trajetória dos peixes, lembrando a experiência que vivemos, durante estas cinco semanas de Capítulo. Recordei o convite do Ir. Seán a ver o mundo com os olhos das crianças pobres e a comprometer-nos, conseqüentemente. Lembrei Maria da Visitação, como um convite a aprofundar o aspecto místico de nossa vida. E, finalmente, repeti o que muitos já disseram, nesta sala: nós somos a primeira mensagem que deve ser transmitida ao Instituto.

Para continuar a tradição do meu imediato predecessor, o Ir. Seán Sammon, termino com uma história que Eli Wiesel traz num de seus livros. Sabem que foi um sobrevivente dos campos de extermínio nazistas e prêmio Nobel da Paz:

“Certo rei escutou que, em seu reino, havia um sábio, um homem que falava todas as línguas do mundo; compreendia o canto dos pássaros; sabia interpretar o aspecto das nuvens e compreender seu sentido. Também sabia ler o pensamento das outras pessoas. O rei ordenou que o trouxessem ao seu palácio. O sábio se apresentou, perante o rei. Disse então o rei ao sábio: “É verdade que conheces todas línguas? - Sim, Majestade. - É certo que sabes escutar os pássaros e compreendes seu canto? - Sim, Majestade. - E é verdade que compreendes o linguajar das nuvens? - Sim, Majestade. - É também confirmado que sabes ler o pensamento de outras pessoas? - Sim, Majestade. - Disse, então, o rei: Em minhas mãos tenho um passarinho; dize-me, ele está vivo ou está morto?”

O sábio teve medo; dera-se conta que, dissesse o que dissesse, o rei poderia matar o passarinho. Permaneceu um momento em silêncio; depois, fixou o olhar no rei e, finalmente, respondeu: “A resposta, Majestade, está em vossas mãos.”

Parece-me não haver melhor modo de terminar este Capítulo: ***a resposta, Irmão, está em suas mãos.***

Obrigado!